

AUMENTA RENDA DOS BRASILEIROS

SEGUNDO PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE
DOMICÍLIOS (PNAD), RENDA DO BRASILEIRO NO ANO
PASSADO SUBIU 4,6% EM RELAÇÃO A 2004.
TRABALHO INFANTIL, PORÉM, VOLTOU A CRESCER

PÁGINAS 21 E 22

RETRATOS DO BRASIL

Salário médio do brasileiro aumentou em 2005, depois de uma década de queda e estagnação. Apesar disso, a concentração de rendimentos é uma das maiores do mundo e o trabalho infantil voltou a crescer

Renda sobe após 10 anos

MARCELO TOKARSKI

DA EQUIPE DO CORREIO

A pesar de o crescimento da economia ter decepcionado em 2005, quando o Produto Interno Bruto (PIB) se expandiu apenas 2,3%, a vida dos brasileiros melhorou ano passado. Pela primeira vez em 10 anos, a renda média do trabalho cresceu. A alta foi de 4,6% sobre 2004. No entanto, o rendimento de R\$ 805 ainda ficou 15,1% abaixo do patamar de 1996, quando estava em R\$ 948. Além de maior, a renda do trabalho também foi melhor distribuída. Os 50% que recebem as menores remunerações tiveram ganho real de 6,6%, enquanto a metade de cima teve alta de 4,1%. O resultado foi mais uma redução no Índice de Gini, que mede a desigualdade de renda no país. Influenciado pela inflação baixa e pelo aumento do salário mínimo, o in-

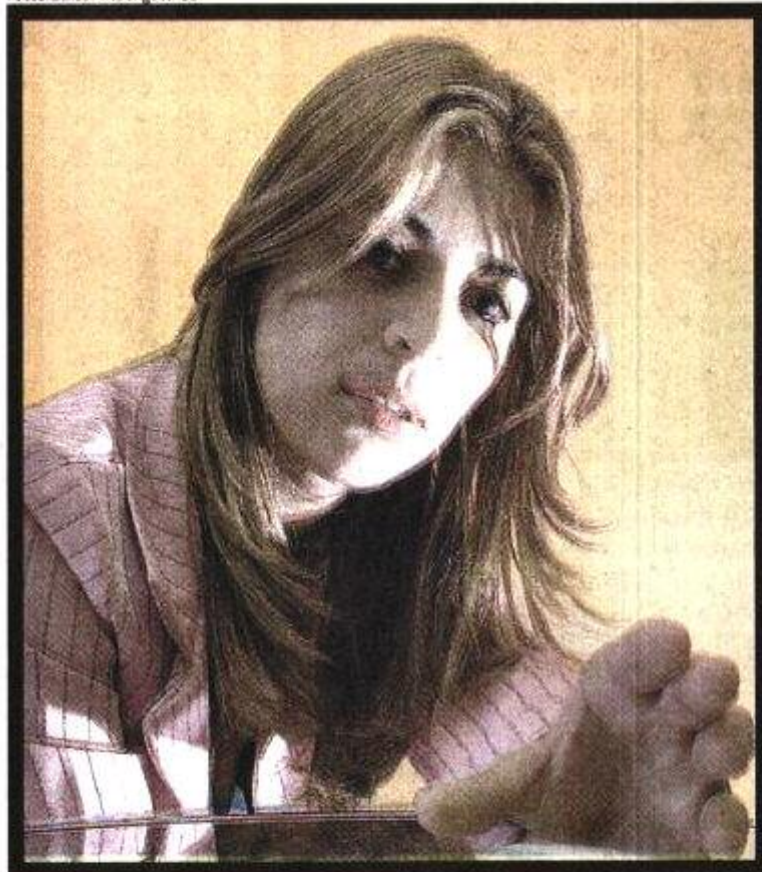
dicador caiu de 0,547 para 0,544, o menor patamar desde 1981 – quanto mais próximo de zero, melhor é a distribuição de renda, e vice-versa. De 1995 a 2005, o índice acumula uma queda de 7%.

Mesmo assim, a concentração de renda continua uma das maiores do mundo: enquanto os 10% com maiores rendimentos detiveram 44,7% da renda nacional, os 10% com menores rendimentos ficaram com apenas 1,1%. Três em cada 10 brasileiros ganhavam em 2005 no máximo um salário mínimo por mês (R\$ 300 à época). Em contrapartida, apenas 0,8% da população ocupada ganhava acima de 20 salários mínimos (R\$ 6.000 em valores do ano passado). Os dados são da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) 2005, divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (veja as principais estatísticas na página 22).

Juntamente com o aumento na renda, cresceu 5,3% o número de trabalhadores com carteira assinada, o que indica, na avaliação de especialistas, uma melhora qualitativa no mercado de trabalho. “Os dados são muito bons. Ainda há o que melhorar, mas o país progrediu. O crescimento da renda fecha o ciclo de melhora do mercado de trabalho, pois os ganhos salariais são os últimos a se manifestar quando a situação evolui”, explica Marcelo de Ávila, economista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). O professor Marcio Pochmann, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), ressalta apenas que o ganho de renda é em parte baseado na valorização do real frente ao dólar, que ajudou a segurar a inflação. “Ainda é uma situação amparada no câmbio, e não em um crescimento forte e sustentado da economia”, pondera.

Foram criados no ano passado

Fotos: Edison Rodrigues/CB

**ANDRESSA KATIELY: MULHER AVANÇA NO MERCADO DE TRABALHO**

2,5 milhões de empregos, um incremento de 2,9% – alta que foi maior entre as mulheres (3,7%, contra 2,4% entre os homens). Com isso, a taxa de ocupação subiu para 57%, o mais alto patamar desde 1996. Apesar disso, o contingente de pessoas à procura de emprego cresceu 8,2%. Segundo

o IBGE, com a melhora da economia, 678 mil pessoas começaram a procurar trabalho. O desemprego continua maior entre as mulheres (12%, contra 7,1% entre os homens). Em compensação, o nível de ocupação entre elas foi de 46,4%, o maior desde 1992.

Uma das beneficiadas desse

fenômeno foi a brasileira Andressa Katiely, de 25 anos. Em março, ela começou a trabalhar em uma empresa de previdência privada como funcionária terceirizada. Em outubro, foi contratada com carteira assinada e passou a receber um salário mais de duas vezes maior. Andressa conta que ainda enfrenta algumas dificuldades por ser mulher, mas acredita que essa situação vem mudando. A Pnad revela outro progresso do mercado de trabalho: a diferença de renda média entre homens e mulheres caiu para pouco menos de 30%, o menor patamar da história.

Para o chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Marcelo Neri, o país está melhor. “Não se trata de uma retomada, mas de um processo de melhora continuado. Há mais gente trabalhando e quem trabalha está ganhando mais”, afirma. Com base na Pnad, Marcelo Neri calculou a renda domiciliar per capita dos domicílios brasileiros – índice que leva em conta toda a população, e não apenas quem trabalha. Depois de crescer 3,1% em 2004, o indicador subiu 6,6% no ano passado. Com isso, o índice de bem-estar social, que estava em 175,69 em 2004, subiu para 188,96 no ano passado (alta de 7,6%), o maior patamar da década. “Ainda há muito a evoluir, mas o brasileiro está vivendo melhor”, resume.

Celulares superam telefones fixos

O jovem Fabrício Cirilo, de 21 anos, procura emprego há oito meses. O objetivo é ajudar no sustento da casa onde vive com a mãe e mais dois irmãos, todos desempregados. Apesar das dificuldades financeiras, Cirilo mantém em casa um artigo que se torna cada vez mais comum nos lares brasileiros. Segundo o IBGE, no ano passado os domicílios com telefone celular tornaram-se mais numerosos que os com linha fixa tradicional. O percentual subiu de 47,8% em 2004 para 59,3% em 2005, en-

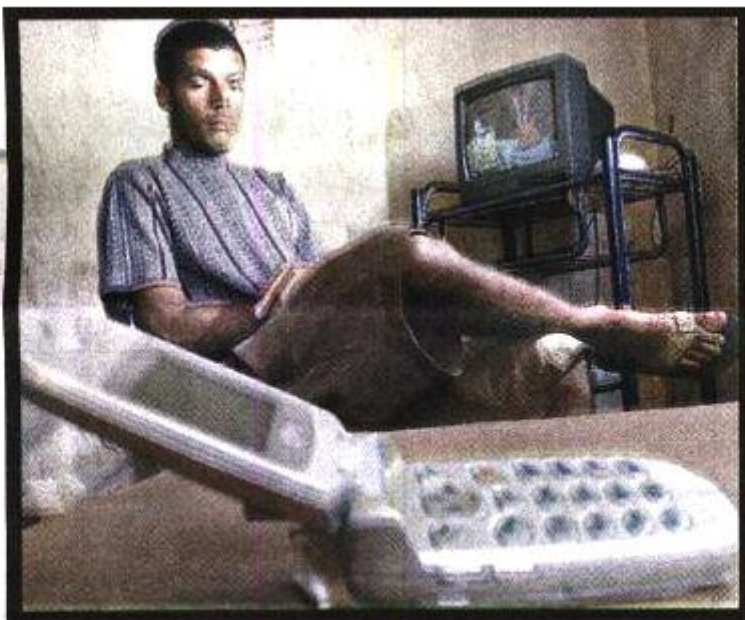
quanto o de casas com telefone fixo caiu de 48,9% para 48,1%.

O número de domicílios que possuem apenas o telefone celular (23,6% do total, ou três vezes mais do que há quatro anos) também superou pela primeira vez o dos que têm apenas uma linha fixa (12,5%). "Não tenho fixo porque não dá para pagar. Mantenho um celular pré-pago para que as pessoas possam falar com a gente", diz o jovem, que mora em Samambaia e gasta R\$ 10 a cada três meses para manter a

linha em atividade – a assinatura básica de um telefone fixo custa hoje quase R\$ 40 por mês. De acordo com a Pnad, 36,7% das pessoas com 10 anos ou mais possuem um celular no país.

Além do telefone móvel, o computador também vem ganhando espaço nos lares brasileiros. Hoje, a informática está presente em 18,6% dos domicílios, contra 16,3% em 2004. Três em cada quatro casas equipadas com computador têm acesso à internet. O maior percentual do

país foi registrado no Distrito Federal, onde 36,4% dos domicílios contam com um computador. Estatística que é engrossada por pessoas como a estudante Patrícia Silva, de 42 anos. Ela mora com o marido e duas filhas, que também estão na universidade. As três estudantes utilizam três computadores para pesquisas e trabalhos acadêmicos. "Usamos muito a internet para pesquisas. Eu navego umas duas horas por dia", conta Patrícia. "É impossível me imaginar sem um computador." (MT)



DESEMPREGADO, FABRÍCIO CIRILO TEM EM CASA UM CELULAR PRÉ-PAGO

Pior para as crianças

A Pnad de 2005 não trouxe só boas notícias. Após 14 anos de queda, o trabalho infantil voltou a crescer. O número de crianças de 5 a 14 anos que trabalham aumentou 10,3% de 2004 para 2005. Na faixa entre 5 e 9 anos, o nível de ocupação passou de 1,5% para 1,8%; no de 10 a 14 anos, de 10,1% para 10,8%.

No entanto, o IBGE sustenta que os dados referentes ao ano passado não alteram a série histórica, que mostra uma tendência de redução do trabalho infantil.

Uma das principais causas teria sido a crise na agricultura, que levou muitos pequenos agricultores a colocar os filhos para trabalhar. "A atividade agrícola apresentou queda ao enfrentar problemas. Por isso, a mão-de-obra que cresce é aquela que vai trabalhar de forma não remunerada e para produção para próprio consumo", ressalta o presidente do IBGE, Eduardo Pereira.

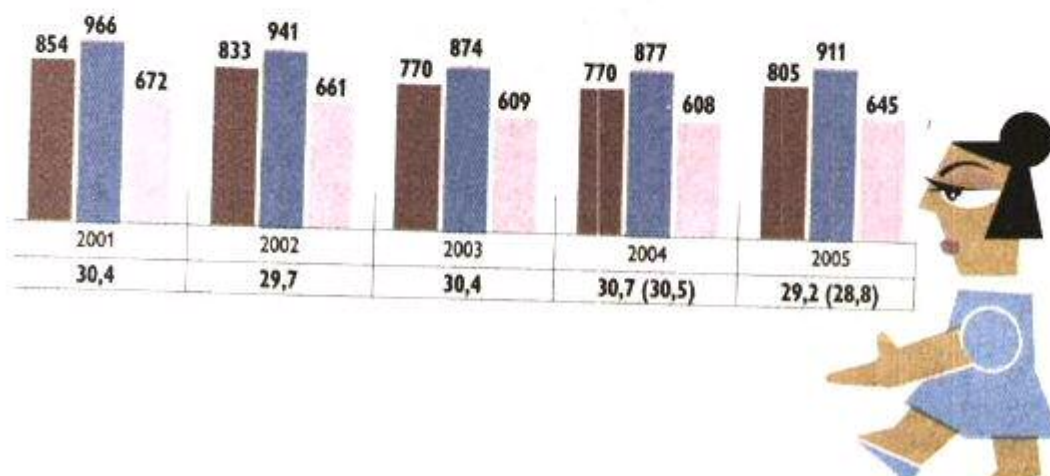
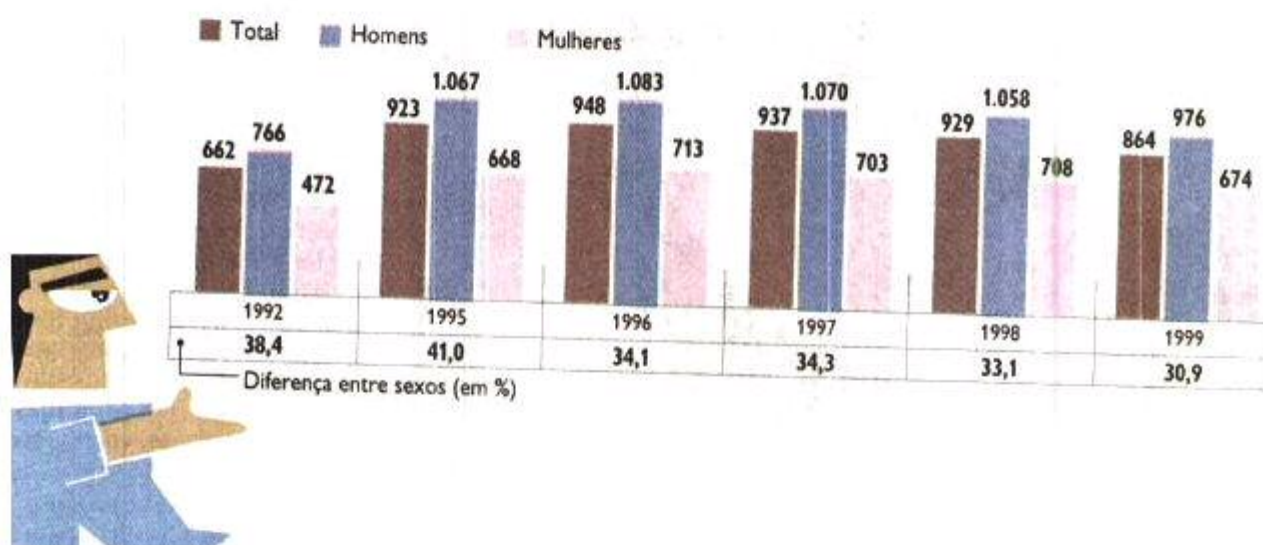
Em 1991, o índice de jovens entre 5 e 17 anos que estavam trabalhando era de 19,5%, índice que chegou a 11,8% em 2004 e voltou a crescer no ano passado, para 12,2%. (MT)

PESQUISA DO IBGE MOSTRA, DETALHADAMENTE, A IMAGEM DO PAÍS

RETRATOS DO BRASIL

RENDAS*

Veja o rendimento médio mensal do trabalhador brasileiro, em R\$.
Em 2005, foi a primeira vez em que o salário cresceu desde 1996





DOMICÍLIOS

As principais características das residências brasileiras

O que FALTA em casa*

	1992	1995	1998	2002	2003	2004	2005
Sem rede de água	26,4	23,7	21,1	18,0	17,5	16,8 (17,8)	16,6 (17,7)
Sem tratamento de esgoto adequado	43,3	40,0	36,1	31,8	31,0	30,4 (31,1)	29,6 (30,3)
Sem coleta de lixo	33,4	27,9	21,7	15,2	14,3	14,2 (15,2)	13,2 (14,2)
Sem telefone	81,0	77,6	68,0	38,3	38,0	33,9 (34,6)	27,6 (28,4)
Sem iluminação elétrica	11,2	8,2	5,8	3,3	3,0	2,6 (3,2)	2,3 (2,8)

O que TEM em casa*

	1992	1995	1998	2002	2003	2004	2005
Fogão	94,8	96,4	97,4	97,7	97,6	97,7 (97,5)	97,7 (97,5)
Televisão	74,0	81,1	87,5	90,0	90,1	90,9 (90,3)	92,0 (91,4)
Rádio	84,9	88,9	90,4	87,9	87,8	88,1 (87,8)	88,4 (88,0)
Geladeira	71,5	74,9	81,9	86,7	87,3	88,1 (87,4)	88,6 (88,0)
Filtro de água	57,0	57,8	56,4	53,1	52,6	51,6 (51,3)	51,3 (51,0)
Máquina de lavar	24,1	26,7	32,3	34,0	34,5	34,9 (34,5)	36,2 (35,8)
Freezer	12,3	15,4	19,7	18,5	17,7	17,2 (17,1)	16,7 (16,7)
Computador	-	-	-	14,2	15,3	16,6 (16,3)	18,8 (18,6)
Acesso à internet	-	-	-	10,3	11,5	12,4 (12,2)	13,9 (13,9)

Telefone em expansão

Pela primeira vez, o número de domicílios que possuem apenas celular superou aqueles que têm apenas o telefone fixo. Abaixo, a quantidade de domicílios de acordo com o tipo de telefone, em %

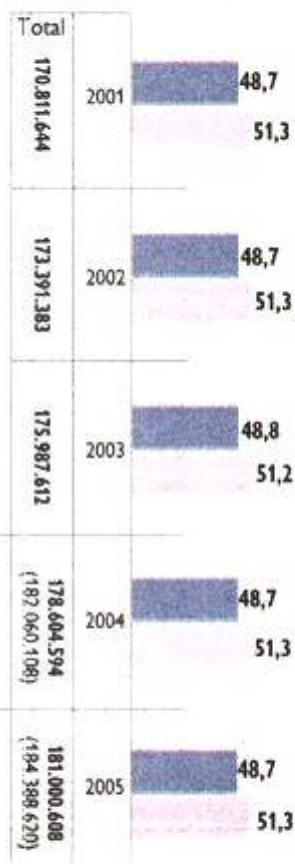
	1992	1995	1998	2002	2003	2004	2005
Somente celular	-	-	-	8,8	11,2	16,5	23,6
Somente fixo	-	-	-	27,0	23,4	17,8	12,5
Fixo e celular	-	-	-	25,9	27,4	31,8	36,3



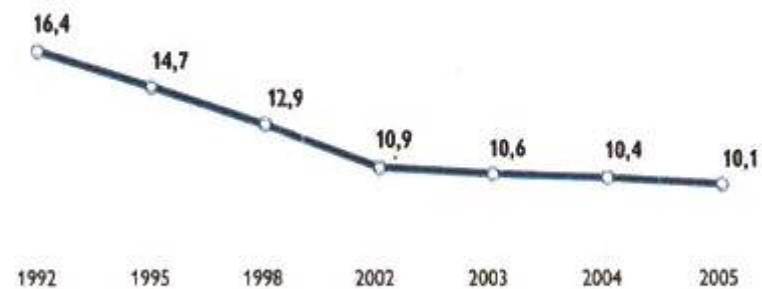
POPULAÇÃO*

Em %

Homens Mulheres

**EDUCAÇÃO****Analfabestimo**

Taxa medida entre as pessoas de 10 ou mais anos, em %

**Tempo de estudo**

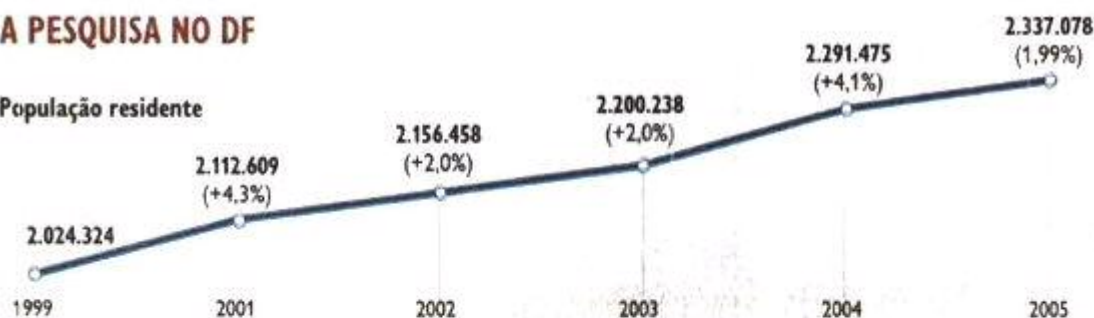
Tempo médio que as pessoas com 10 anos ou mais passam na escola (em anos)

	1995	1998	2002	2003	2004	2005
Total	5,2	5,8	6,3	6,5	6,6	6,7
10 a 14 anos	3,2	3,7	4,0	4,1	4,1	4,2
15 a 17 anos	5,4	6,3	6,8	7,0	7,1	7,2
18 ou 19 anos	6,3	7,4	8,1	8,2	8,4	8,6
20 a 24 anos	6,7	7,5	8,3	8,6	8,8	9,0
25 anos ou mais	5,3	5,8	6,2	6,3	6,5	6,6



A PESQUISA NO DF

População residente



O que falta na casa dos brasilienses, em %

	2003	2004	2005
Sem água	8,6	6,9	9,0
Sem tratamento de esgoto	3,3	4,1	5,7
Sem coleta de lixo	1,7	1,8	1,8
Sem luz elétrica	0,3	0,2	0,2
Sem telefone	3,6	9,0	5,9

Tempo na escola, em %

	2003	2004	2005
5 ou 6 anos	74,9	81,7	84,6
7 a 14 anos	98,0	98,5	98,1
15 a 17 anos	87,1	86	87,3
18 a 24 anos	38,9	37,8	37,6
25 anos ou mais	9,8	9,1	9,0

O que tem na casa dos brasilienses, em %

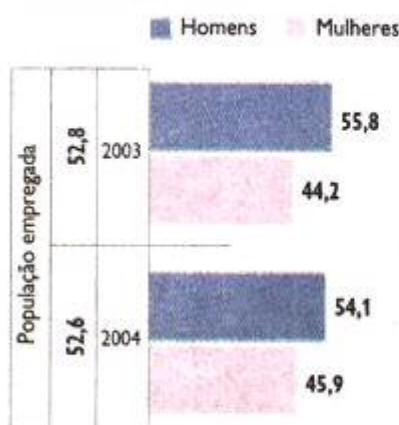
	2003	2004	2005
Fogão	99,0	99,1	99,0
Televisão	96,4	96,6	97,1
Geladeira	96,1	95,6	96,2
Rádio	90,1	89,3	90,6
Filtro de água	83,1	82,6	80,2
Máquina de lavar	52,3	52,2	52,1
Computador	30,4	33,6	36,4
Freezer	25,4	26,4	23,0

Composição etária, em %

	2003	2004	2005
0 a 4 anos	12,6	8,9	8,8
5 a 9 anos	5,6	9,3	9,0
10 a 14 anos	8,7	9,1	8,9
15 a 19 anos	5,9	10,1	9,6
20 a 24 anos	3,6	10,8	10,7
25 a 39 anos	38,3	26,3	26,2
40 a 59 anos	18,6	19,2	20,3
60 anos ou mais	6,4	6,1	6,3

Emprego

Taxa de ocupação, em %



Famílias

27.153 famílias foram constituídas no DF em 2005. Do total de 728.514 famílias, 62,1% são chefiadas por homens e 37,9% por mulheres

Migrantes

O DF é a unidade da Federação com maior percentual de imigrantes (53,3%), seguido de Roraima (50%). O menor índice é o do Rio Grande do Sul (4,4%). A média nacional é de 16,3% (era 16,2% em 2004)

Estudantes

757.054 pessoas estudam no DF, o equivalente a 36,3% da população com idade acima de 5 anos. No ano passado, eram 754.114 pessoas, ou 35,3%

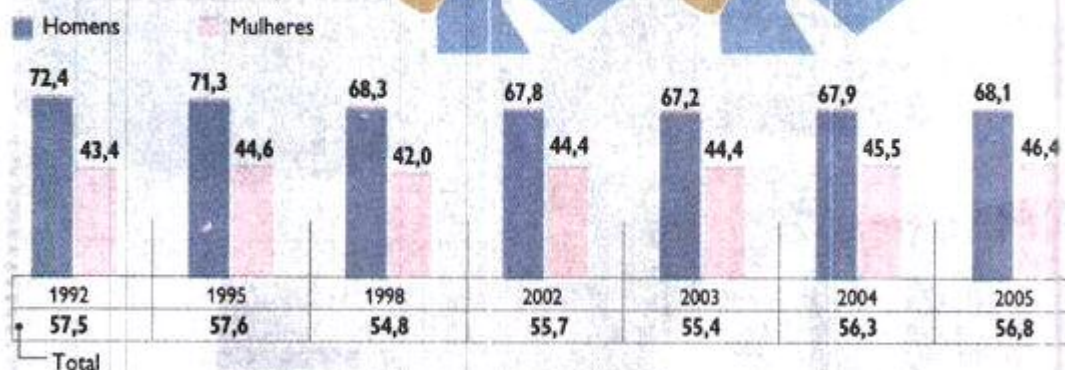


*Nos anos de 2004 e 2005, o IBGE passou a incluir na Pnad os dados referentes às regiões rurais dos estados da região Norte. Para efeito de comparação com os anos anteriores, estes gráficos sinalizados também apresentam, para os anos de 2004 e 2005, os dados sem essas regiões rurais e, entre parênteses, os dados totais

TRABALHO

Nível de emprego

Taxa de ocupação das pessoas com 10 anos ou mais, em %



Quem mais emprega

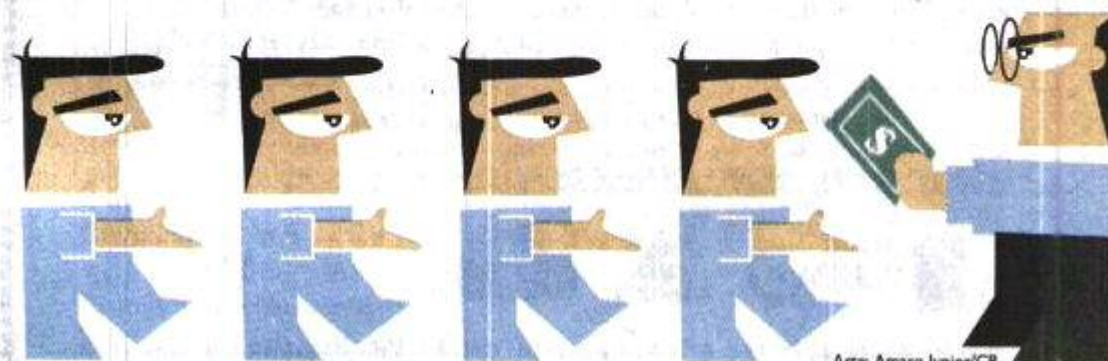
Distribuição das vagas de acordo com setores da economia, em %

	1992	1995	1998	2002	2003	2004	2005
Agricultura	28,4	26,1	23,6	20,6	20,7	19,9	19,7
Indústria	15,4	14,8	14,1	14,2	14,4	14,8	14,9
Construção	6,4	6,4	7,4	7,1	6,5	6,4	6,5
Comércio	14,6	15,7	16,0	17,2	17,7	17,6	18,0
Serviços	24,8	26,6	27,7	29,0	28,5	29,1	28,7
Administração pública	4,8	4,8	4,7	4,9	5,0	5,0	5,0
Outras atividades	5,4	5,7	6,3	6,9	7,1	7,2	7,1

Trabalho infantil

Percentual de pessoas ocupadas, de acordo com a faixa etária, em %

	1992	1995	1998	2002	2003	2004	2005
5 a 9 anos	3,7	3,2	2,6	1,7	1,3	1,4	1,6
10 a 14 anos	20,4	18,7	14,6	11,3	10,4	9,5	10,3
15 a 17 anos	47,0	44,0	35,8	31,8	30,3	30,5	30,3
Total	19,6	18,7	15,5	12,6	11,7	11,4	11,8



Arte: Amaro Junior/CB